



Presidência da República
Casa Civil
Secretaria de Administração
Diretoria de Gestão de Pessoas
Coordenação – Geral de Documentação e Informação
Coordenação de Biblioteca



BIBLIOTECA DA
PRESIDÊNCIA
DA REPÚBLICA

VISITA A ANGOLA

Cerimônia de doação de livros
Luanda, Angola
27 de janeiro

O Presidente Sarney chega a Angola, em viagem oficial de dois dias. O Presidente Santos pede que o Brasil participe dos esforços dos países da África Austral para se livrarem da dependência econômica em relação à África do Sul. Na homenagem aos colegas de letras, a oportunidade de falar da raiz cultural africana dos escritores brasileiros e de seus sentimentos comuns.

Pedi que fosse incluída na minha visita a Angola uma oportunidade de homenagear a inteligência e a cultura deste país, num encontro informal com os seus homens de letras, aqueles trabalhadores do pensamento, e que essa reunião fosse uma oportunidade para uma troca de idéias e ao mesmo tempo de aproximação.

E agora, por vontade não só minha como também do Presidente da União de Escritores de Angola, Roberto de Almeida, estamos numa sessão que tem um pouco de solenidade. Mas eu quero ficar inteiramente à vontade para dizer que o meu desejo é afirmar aos escritores de Angola que eles fazem parte da mesma raiz cultural dos escritores brasileiros.

E dizer-lhes que a obra que estão realizando também é conhecida no nosso País pelas edições que têm saído dos

novos escritores angolanos, bem como pela publicação e divulgação de livros de escritores brasileiros aqui em Angola.

O primeiro contato que eu tive com a literatura de Angola posso dizer que foi, se não me falha a memória, nos cadernos de poesias negras de expressão portuguesa publicadas, há bastante tempo, em 1953. E sempre notei, quando li naqueles cadernos alguns poetas de Angola, uma mesma linha, característica dos sentimentos que os poetas brasileiros demonstravam, um sentimento que foi muito presente na nossa literatura expressando o roubo e o orgulho pela nossa terra. Eu me lembro de um poema de um poeta angolano, Vitor Persa, e o que ele falava era das saudades de sua terra e que ele desejava voltar a ver as árvores da sua aldeia. E também li, outra vez, outro poema de uma poetisa chamada Ada Lara, e depois vim a saber que era uma médica que morreu em Lisboa. E ela dizia uma coisa bonita que eu nunca mais pude esquecer na minha vida. Falando de Angola, ela dizia assim: «Eu voltarei. E quero ver as flores abrirem para mim. Quero ver as flores da minha terra desabrocharem para o meu coração.» Esse sentimento da canção do exílio é também uma constante na literatura brasileira. Se nós lembrarmos dos tempos da literatura coimbrã, para falar dos velhos poetas do Brasil, nós temos a *Canção do Exílio*, do nosso Gonçalves Dias, onde ele fala justamente isto: que podia ouvir o canto dos sabiás da sua terra, a palmeira onde canta o sabiá, em toda essa linha que é a mesma linha dos poetas angolanos, desse amor à terra, desse orgulho da terra, esse orgulho da gente, essa força interior, que faz com que as maiores dificuldades sejam transformadas numa energia poderosa.

E essa terra também conseguiu fazer uma junção muito feliz, e raramente ela se repete, que é a junção entre o intelectual e o político. Porque eu que sou intelectual e político, sei o quanto isto constitui uma angústia permanente. Outro dia eu respondia a uma repórter de televisão, que me perguntava como era possível essa junção, porque o intelectual é o homem da justiça absoluta; e o político é o homem da arte do possível, como já dizia Bismarck.

Então, o choque é permanente e existe. Mas uma grande causa não é feita, jamais sem grandes intelectuais. Uma grande causa não se faz sem grandes oradores. Uma grande causa não se faz sem grandes poetas e sem grandes escritores. E um exemplo disso é Angola.

Eu, certa vez, tive a oportunidade de dizer que uma nação não se faz sem três coisas: sem historiadores, sem políticos e sem poetas. Os historiadores para falar do passado. Os políticos para tratar do presente. Os poetas para sonhar com o futuro.

E aqui em Angola nós temos isso consagrado na figura extraordinária de Agostinho Neto, que sendo político foi um grande poeta. Um poeta que sonhou com o futuro. Sonhou com esta Angola que hoje nós estamos vendo nascer, a cada dia, se consolidar e desabrochar, que foi sonhada nos seus versos, que foi sonhada na sua ação de político. Mas a força motora da sua ação política, nós temos certeza que é aquela força interior do poeta e do sonhador.

Portanto, eu aqui estou para homenagear os meus colegas de letras e também para dizer que a minha vida tem duas vertentes: a vertente do intelectual e a vertente do político.

Outro dia me perguntaram qual foi o dia mais feliz da minha vida, se tinha sido o dia em que eu fui escolhido e cheguei à Presidência da República. Em disse: não. O dia mais feliz da minha vida, da alegria mais pura, mais completa foi o dia em que eu fui eleito para a Academia Brasileira de Letras. Isso não significa, de nenhuma maneira, que não estejamos colocando na posição mais alta esta missão extraordinária do político, que é a de viver os problemas, de administrá-los e administrar conflitos no mundo tumultuado, no mundo em formação como nós vivemos.

Veja-se o nosso Presidente aqui, os problemas que ele tem que digerir, dia a dia, e comandar essa força extraordinária que é esta Angola que deu o exemplo ao mundo de tenacidade, na luta dura contra o colonialismo, na luta pela independência e para consolidar a sua independência. E agora o que surge? A vitória e, portanto, a consolidação desse futuro, que foi sonhado pelos poetas mas está sendo executado pelos políticos.